

Boa Nova para cada dia / fevereiro 2018

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos)

Tempo Comum – Apresentação do Senhor / Cinco Chagas do Senhor

Tempo da Quaresma – Cinzas / Cadeira de S. Pedro

Qui, 1 – SEMANA IV DO TEMPO COMUM

1 Rs 2, 1-4.10-12 / 1 Cr 29, 10-13 / Mc 6, 7-13

Segue os seus caminhos [de Deus], cumprindo os seus preceitos (...). Assim serás bem sucedido em todas as tuas obras. (1ª Leit.)

Hoje em dia, isto não é mais do que um desejo piedoso. Nós sabemos que não é assim que as coisas acontecem. Sabemos que, sendo infiéis a Deus, também temos sucesso nos nossos caminhos. E ainda bem. Ainda bem que não podemos comprar o sucesso com a fidelidade a Deus, senão estávamos comprados por Deus. O sucesso vem de costas voltadas para Deus, o insucesso no meio da santidade. (Jesus não é exemplo disso?) Rezemos pela nossa liberdade de espírito.

Sex, 2 – APRESENTAÇÃO DO SENHOR (Festa)

1ª Sexta-Feira

Mal 3, 1-4 / Slm 23 (24), 7-10 / Lc 2, 22-40 ou 2, 22-32

Agora, Senhor, (...) deixareis ir em paz o vosso servo. (Evang.)

Peçamos para nós uma morte em paz, uma morte cheia de confiança na nossa entrada no Céu. Peçamos uma morte de mãos dadas com Deus. Preparemo-nos para ela. Não sabemos quando virá. Estejamos sempre preparados. No fundo, é estarmos sempre em paz connosco próprios e aumentarmos a nossa caridade. No fundo, no fundo, seremos julgados não pelas nossas orações, mas pela nossa caridade. (O que não dispensa as orações.)

Sáb, 3 – SEMANA IV DO TEMPO COMUM

1º Sábado

1 Rs 3, 4-13 / Slm 118 (119), 9-14 / Mc 6, 30-34

... e compadeceu-Se de toda aquela gente, porque eram como ovelhas sem pastor. (Evang.)

Às vezes, o nosso interior, a nossa alma também parece ser ovelha sem pastor. Parece estar dividida, puxando cada parte para um lado diferente. Isso dá-se quando a nossa cabeça está esquartejada entre múltiplas coisas que parece têm de ser feitas ao mesmo tempo. É uma confusão cá dentro que nos tira a paz. Temos de nos habituar – nós somos animais de hábitos – a, nesses momentos, parar uns segundos e chamar pelo Pai da calma e da ordem. Eu já fiz isso algumas vezes. O leitor habitue-se. Reze por isso.

Dom, 4 – Domingo V do Tempo Comum – Ano B

Job 7, 1-4.6-7 / Slm 146 (147), 1-6 / 1 Cor 9, 16-19.22-23 / Mc 1, 29-39

O Evangelho deste domingo apresenta-nos a primeira cura milagrosa de Jesus. Depois de ter expulsado um demónio, este é o primeiro milagre do Senhor. Jesus vai a casa de Simão Pedro e a sogra deste está na cama, com febre. Jesus cura-a e ela começa a servi-los. Parece tão insignificante este milagre. Era de esperar que o primeiro milagre relatado fosse uma coisa espetacular, um sinal sensacional do poder e da força de Deus, mas não.

Os milagres de Jesus não são espetáculos de poder e de for-

ça, são sinais que revelam e mostram quem é o nosso Deus. São sinais de misericórdia, de mansidão e da fragilidade inerente a quem ama. Os milagres são ainda revelação daquilo que Deus quer fazer em nós: quer curar-nos daquilo que nos escraviza.

A simplicidade aparente desta cura permite-nos ver para além do sinal. Se fosse um milagre demasiado espetacular, talvez ficássemos a olhar para o sinal sem perceber quem é Aquele que está entre nós. Este pequeno sinal mostra-nos que a

cura da sogra de Pedro é uma cura integral, é um milagre completo. Neste milagre vemos o significado de todos os milagres: são curas que Jesus faz para nos restituir a capacidade fundamental e divina de servir. Esta capacidade é a nossa *semelhança* com Deus. O amor ganha “carne” na nossa vida através do serviço. O amor liberta-nos do nosso egoísmo e vira-nos para o outro. Este é o verdadeiro milagre que Jesus vem operar, a verdadeira salvação que nos oferece: o perdão dos pecados que nos dá a capacidade de amar e se manifesta no serviço aos outros.

A sogra de Pedro é o protótipo de todos os crentes, modelo para todos nós. É sabido que, no tempo de Jesus, uma mulher não contava para muito. De facto, nem sequer poderia servir de testemunha num tribunal. No entanto, é esta mulher – idosa e doente! – que o Senhor escolhe como testemunha do seu amor.

Depois deste milagre, Jesus tornou-Se um sucesso e levavam-Lhe todos os doentes para que Ele lhes tocasse. A meio da

noite, o Senhor retira-Se para rezar. Este dia de Jesus conclui-se com a oração noturna. Esta é início e fim de toda a atividade. Colocando-Se diante do Pai, Jesus mostra-nos o que é a oração. É colocar-se diante de Deus. Diante do Amor, podemos ver e reconhecer quem somos: imagem e semelhança de Deus. Diante d’Ele, somos nós mesmos. Longe d’Ele, ficamos longe de nós mesmos, longe da nossa verdade. Jesus mostra-nos que rezar não é falar de Deus, não é dizer coisas sobre Deus, mas falar com Deus.

Na manhã seguinte, Pedro é o porta-voz da primeira tentação: o sucesso. «Todos Te procuram», isto é: «és um sucesso». Jesus, no entanto, não está preocupado com o seu sucesso, com os aplausos dos outros, mas com o anúncio do Amor; e, por isso, parte.

Jesus é o médico e, com a sua Palavra, liberta a nossa liberdade; Ele veio para nos restituir a nossa liberdade de filhos de Deus. O seu *sucesso* é que vivamos como filhos de Deus, amando e servindo.

Seg, 5 - SANTA ÁGUEDA (Memória)

1 Rs 8, 1-7.9-13 / Slm 131 (132), 6-10 / Mc 6, 53-56

Por amor de David, vosso servo, não afasteis o rosto do vosso Ungido. (Salmo)

Podemos tomar esta frase à letra e pensar num Deus sempre a olhar para nós. Um Deus sempre vigilante e protetor, mas também um Deus que nos faz companhia. E porque não um Deus que fala connosco? Provavelmente, o leitor tem o hábito de falar com Deus. Agora tem um Deus com cara. Olhe para Ele. Como está a cara de Deus? Alegre, triste, calma? Inquieta? Porquê?

Ter, 6 - SS. PAULO MIKI E COMPANHEIROS, MÁRTIRES (Memória)

1 Rs 8, 22-23.27-30 / Slm 83 (84), 3-5.10-11 / Mc 7, 1-13

Se alguém tiver bens para ajudar os seus pais necessitados, mas declarar esses bens como oferta sagrada, nesse caso fica dispensado de ajudar o pai ou a mãe. (Evang.)

Isto lembra-me uma coisa de que já tenho falado ao leitor. Será que o leitor pratica isto? «Se alguém tiver bens com que pode ajudar os necessitados, mas declarar esses bens como oferta para os seus cães e gatos, fica dispensado de ajudar os necessitados». Ter um cão ou um gato, ou um cão e um gato, ou vários cães e vários gatos, não é mau. Mas gastar com eles mais dinheiro do que se «gasta» com os necessitados será humano? Ou será de um coração alienado?

Qua, 7 - CINCO CHAGAS DO SENHOR (Festa)

Is 53, 1-10 / Slm 21 (22), 7-8.15.17-18a.22-23 / Jo 19, 28-37 ou 20, 24-29

E, inclinando a cabeça, expirou. (Evang.)

Este termo, «expirou», noutras traduções é substituído por «entregou o Espírito». Tradução eventualmente mais precisa que, segundo alguns, significa o Pentecostes no Evangelho de João. Significa que Jesus nos entrega o seu Espírito – o Espírito Santo –, porque o Espírito que Jesus transmite é o Espírito Santo.

Recebamo-Lo da cruz de Jesus. Hoje, tenhamos esta oração, esta meditação, de recebermos o Espírito Santo transmitido por Jesus na cruz e perguntemos a Jesus: «Senhor, que queres que eu faça?»

Qui, 8 – SEMANA V DO TEMPO COMUM

1 Rs 11, 4-13 / Slm 105 (106), 3-4.35-37.40 / Mc 7, 24-30

Acolhei docilmente a palavra em vós plantada. (Do Aleluia)

A palavra já está plantada. Há, agora, que acolher essa semente. E acolhê-la docilmente. Acolhê-la docilmente quer dizer acolhê-la sendo dócil à sua mensagem, mas também sem raiva, sem irritação, sem ansiedade. A raiva podia vir de um coração refratário à mensagem. Não é o nosso caso. Pelo menos, na teoria. A irritação e a ansiedade podem vir do medo de não correspondermos ou da frustração de não termos correspondido. A solução é pormo-nos nas mãos de Deus e também fazermos um apelo à nossa vontade, à nossa decisão. Com habilidade. Rezemos por isso.

Sex, 9 – SEMANA V DO TEMPO COMUM

1 Rs 11, 29-32; 12, 19 / Slm 80 (81), 10-11ab.12-15 / Mc 7, 31-37

Diziam: «Tudo o que faz é admirável». (Evang.)

E, apesar disso, crucificaram-No. Quando vamos a um psicólogo – agora, a moda é ter um «coach» – e dizemos que fulano nos trata mal, ele diz-nos sempre que o problema está em nós, que nós é que temos de aprender a lidar com ele. No que diz respeito à «glória», também a única que podemos ter como certa é a glória que Deus nos outorga, nunca a do mundo, a que nos vem dos outros. Os outros são voláteis, finitos, desaparecem. Habituemo-nos a descansar só em Deus.

Sáb, 10 – SANTA ESCOLÁSTICA (Memória)

1 Rs 12, 26-32; 13, 33-34 / Slm 105 (106), 6-7.19-22 / Mc 8, 1-10

Quantos pães tendes? (...) Sete. (...) Dos bocados que sobraram encheram sete cestos. (Evang.)

Jesus fez o impossível a partir da realidade temporal. Às vezes, se nós confiarmos, Deus também pode fazer o impossível nas nossas vidas. Nossa Senhora já me «resolveu» situações em que eu estava num beco sem saída. Situações em que as forças humanas que eu tinha não chegavam para a solução desses problemas. O leitor confie os seus problemas a Deus ou a Nossa Senhora. Eles dão um grande empurrão. Mas olhe que pode demorar anos. Comigo demorou.

Dom, 11 - Domingo VI do Tempo Comum - Ano B

Lev 13, 1-2.44-46 / Slm 31 (32), 1-2.5.7.11 / 1 Cor 10, 31 - 11, 1 / Mc 1, 40-45

A primeira leitura deste domingo mostra-nos a condição dos leprosos em Israel. Na verdade, um leproso, embora esteja ainda vivo, é, na prática, considerado quase como um morto, quer do ponto de vista religioso quer do civil. Um leproso é alguém posto fora da sociedade e do culto religioso, expulso da cidade e condenado a viver em solidão, habitando lugares desérticos. É o homem condenado à mais total solidão. A única lei que um leproso é obrigado a cumprir é a lei da autoexclusão da vida social e, caso alguém inadvertidamente se aproxime, tem a obrigação de gritar «impuro!», para que ninguém se contamine com a sua doença.

No Evangelho, aproxima-se de Jesus um homem leproso.

Ele conhece a lei e sabe que esta o impede de se aproximar dos outros, mas também sabe que quem ali está é maior do que a lei. Uma vez mais, Jesus mostra-nos que são os excluídos da sociedade, os que não têm direitos, os «pequeninos» que nada esperam, aqueles que se aproximam d'Ele. Aproximar-se de Jesus não é um direito que podemos conquistar ou merecer graças aos nossos atos. Não é porque sou bom e justo que o Senhor me escuta, mas é precisamente porque sou injusto e pecador, é reconhecendo as minhas «lepras» que me aproximo do Senhor. É este o Evangelho, é esta a Boa Notícia: Deus salva. Deus ama-me porque me ama! Ele é o médico das almas e veio para os que estão perdidos e para que aqueles que julgam

não precisar d'Ele compreendam que são cegos, leprosos, paralíticos e possam também *prostrar-se de joelhos e suplicar*, tal como fez este leproso.

O nome «Jesus» significa *Deus salva*. É isto que Jesus quer que compreendamos. Que Ele só quer que O reconheçamos como Aquele que nos salva, o único que nos pode salvar. Ainda mais: Jesus comove-Se diante da nossa miséria e do nosso sofrimento. O «compadecer-se» de Jesus é dito numa palavra muito forte: são as suas *entranhas* que se movem. *Pode uma mulher esquecer o seu filho, o fruto das suas entranhas?* – pergunta o Senhor no livro do profeta

Isaías. «*Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria*».

A vontade de Deus, a vontade de Jesus é que todos se salvem; e esta cura do leproso mostra-nos a passagem do *homem velho* ao *homem novo*, a passagem da lei que condena à Boa Nova da nossa salvação. Esta cura é, por isso, imagem do batismo que – tal como aconteceu com Naaman, que mergulhou sete vezes no rio Jordão e a «sua carne tornou-se como a de uma criança e ficou limpo» (2 Rs 5, 14) – nos cura e nos faz renascer como homens novos e mulheres novas habitados pelo Espírito Santo.

Seg, 12 - SEMANA VI DO TEMPO COMUM

Tg 1, 1-11 / Slm 118 (119), 67-68.71-72.75-76 / Mc 8, 11-13

A constância (...) deve ser exercida plenamente para serdes (...) irrepreensíveis.
(1ª Leit.)

Para muitos, a constância mais difícil é a luta contra o falhanço. As nossas falhas pessoais tendem a fazer-nos desanimar e, conseqüentemente, desistir com facilidade. Ora, a verdadeira constância está em entender que somos capazes, sem desanimar nesse nosso entendimento. O que, por si só, já é um admirável exercício de constância. Há que ser firmes na prossecução do nosso objetivo, apesar de todas as falhas. Não podemos deixar que o passado condicione o futuro. Como diz S. Paulo, «o que nos separará do amor de Cristo?» As nossas falhas?...

Ter, 13 – SEMANA VI DO TEMPO COMUM

Tg 1, 12-18 / Slm 93 (94), 12-15.18-19 / Mc 8, 14-21
Os discípulos esqueceram-se de arranjar comida. (Evang.)

Mas isso não era o importante, porque Jesus tinha o poder de multiplicar os pães. O importante era não se deixarem inebriar pelo «fermento dos fariseus e o fermento de Herodes». O fermento é o que cresce dentro. O que crescia dentro dos fariseus e de Herodes era a hipocrisia e a perfídia. Não podemos comer do pão que tem o fermento da perfídia. Temos de saber olhar para as pessoas e ver se dentro delas está a perfídia, para a sabermos contrariar, anular. Rezemos por essas duas qualidades.

TEMPO DA QUARESMA

Qua, 14 – CINZAS

Joel 2, 12-18 / Slm 50 (51), 3-4.5-6a.12-14.17 / 2 Cor 5, 20 – 6, 2 / Mt 6, 1-6.16-18
Quando deres esmola, não toques a trombeta. (Evang.)

Algumas vezes, também pode suceder o contrário. Podemos estar a levar os outros a não dar esmola. O leitor já viu que no cestinho do peditório da missa, normalmente, só há moedas? As pessoas só poderão dar uma moeda e, muitas vezes, pequena? Porque será? Porque todos fazem assim? Lá está, é o valor do exemplo. Como eu faço assim, o meu irmão também faz assim. Não diga «porque todos fazem assim, eu também faço». A responsabilidade não é do outro. É do leitor.

Qui, 15 – FÉRIA DEPOIS DAS CINZAS

Deut 30, 15-20 / Slm 1, 1-4.6 / Lc 9, 22-25
Se o teu coração se desviar e não quiseres ouvir... (1ª Leit..)

Talvez até por já termos ouvido isso muitas vezes e já estarmos exasperados. Uma pessoa forte, ou diabética, a quem estão sempre a dizer para comer menos, fica exasperada de cada vez que lhe dizem isso. (Isto é tão comum!) Outra pessoa, com outro

vício – o tabaco? –, a quem estão sempre a repreender... Cada um de nós terá o seu ponto sensível. Refugiemo-nos na oração. Há gritos lancinantes de quem diz: «Deus não ajuda». Deus ajuda, mas pode não ser imediatamente.

Sex, 16 – FÉRIA DEPOIS DAS CINZAS

Is 58, 1-9a / Slm 50 (51), 3-6a.18-19 / Mt 9, 14-15

O jejum que me agrada não será antes (...) repartir o teu pão com o faminto? (1ª Leit.)

Temos a obrigação específica de ir à missa, de nos confessarmos, de fazer jejum e abstinência. Não há nenhuma obrigação específica que traduza o segundo mandamento ou que traduza o cuidado com os desfavorecidos. Será porque a Igreja acha que isso já está de tal modo enraizado no coração do leitor que já não é preciso uma obrigação específica mínima?

Sáb, 17 – FÉRIA DEPOIS DAS CINZAS

Is 58, 9-14 / Slm 85 (86), 1-6 / Lc 5, 27-32

Se (...) matares a fome ao indigente. (1ª Leit.)

«... brilhará na escuridão a tua luz». Hoje, gostava de chamar a atenção do leitor para a importância de ensinar as crianças – filhos, netos, alunos – a dar aos pobres, na figura de instituições sociais. Dar coisas deles, dar dinheiro deles, dar tempo deles. Dar de maneira a que eles sintam que estão a dar. Esta educação planta uma semente para o futuro e é um testemunho que passa para as gerações futuras. Se o leitor não o fizer, os pobres pedir-lhe-ão contas no Céu.

Dom, 18 – Domingo I da Quaresma – Ano B

Gen 9, 8-15 / Slm 24 (25), 4bc-5ab.6-7bc.8-9 / 1 Pedro 3, 18-22 / Mc 1, 12-15

Diz-nos o Evangelho de hoje que «o Espírito Santo impeliu Jesus para o deserto». Depois de ter sido batizado e para dar

início à sua vida pública, Jesus tem ainda de atravessar o deserto. Este é o lugar da tentação, o lugar do perigo. Não se

pode viver no deserto, mas, tal como o Povo teve de atravessar o deserto para chegar à terra prometida, também Jesus teve de o fazer.

No Batismo, Jesus mostra-nos que Deus está solidário com o nosso mal, com a nossa morte. Ele não nos abandona à nossa sorte, mas está por dentro da nossa vida. Sofre connosco. Agora, nas tentações do deserto, vemos como não estamos sozinhos nas travessias dos *desertos* que a vida nos apresenta. Quantas vezes *fazemos o mal que não queremos* e parece que o bem está fora do nosso alcance. Lutamos para sermos homens e mulheres livres: ao que nos faz lutar chamamos *tentação*, e é isto que Jesus experimenta na travessia do deserto.

S. Lucas e S. Mateus descrevem as tentações de um modo mais desenvolvido do que S. Marcos, que hoje lemos, mas nestes três Evangelhos, os chamados Evangelhos Sinópticos, percebemos que as tentações tocam na *sede* de fama que todos temos, isto é, na necessidade que temos em relação às coisas, às pessoas ou a Deus. Também Jesus é tentado no *ter*, no *poder* e no *prestígio*. Claro que

seria sempre com boas intenções, mas isto significaria uma traição ao Amor pelos irmãos, que é o centro da mensagem! Quanto nos atrai, também a nós, termos mais coisas, mais poder e sermos reconhecidos como *boas pessoas*, quanto é difícil sermos filhos de um Deus que Se faz nosso *servo*, um Deus que é *Amor*, um Deus *po-bre e humilde*.

Somos todos tentados «sob aparência de bem». Somos enganados. Não será que todo o mal no mundo é uma queda na armadilha da aparência de bem? Somos chamados, como cristãos, a agir bem, a procurar o bem e não simplesmente a *parecer bem*. O bem só é bem se é bem no início, no meio e no fim. Nunca os fins justificam os meios. Um meio errado leva sempre, sem exceções, a um fim corrompido. Jesus sai vitorioso da travessia do deserto porque nunca Se permite usar um *meio* que não seja o do *serviço, do amor e da humildade*. Nunca cede à tentação do poder nem da fama.

João Batista é o precursor d'Aquele que é Deus para o Homem, Jesus, que realiza totalmente o amor de Deus por

cada um de nós. Ninguém está longe ou excluído de Deus. Todos somos chamados a seguir o Senhor na nossa vida. Por isso, *tudo está cumprido*, o reino de Deus está entre nós. Somos convidados à conversão: a proposta de Jesus deposita-se na minha responsabilidade e espera uma

resposta. O Reino está já entre nós, é Cristo Senhor, mas a entrada no Reino depende da nossa liberdade e da nossa escolha.

Que nesta Quaresma o Senhor nos dê a graça de nos abirmos à sua presença, para que possamos ser verdadeiramente livres e O escolhamos a Ele.

Seg, 19 – SEMANA I DA QUARESMA

Lev 19, 1-2.11-18 / Slm 18B (19), 8-10.15 / Mt 25, 31-46

Não ficará contigo até ao dia seguinte o salário do jornaleiro. (1ª Leit.)

Para algumas pessoas, não pagar dívidas é uma matéria despicienda. Entendem que dizer que não têm dinheiro trocado para pagar a sua parte do jantar e ficar a dever – sem intenção de pagar – é uma coisa sem importância, até porque «o outro tem mais dinheiro que eu». E se ele falar nisso é porque é um grande egoísta. Também não pagam uma dívida grande porque a pessoa que emprestou não precisa. Hoje, o leitor reze pela sua honra.

Ter, 20 – SEMANA I DA QUARESMA

Is 55, 10-11 / Slm 33 (34), 4-7.16-19 / Mc 6, 7-15

Libertou-me de toda a ansiedade. (...) salvou-o de todas as suas angústias. (Salmo)

Será que Deus nos livra da nossa ansiedade e das nossas angústias? O leitor é que tem de ver por si. É que tem de ver a sua caminhada. Deus não nos livra da ansiedade patológica. Para isso há remédios. Mas livra-nos da ansiedade para com o Céu. Foi para nos dar esse descanso que Jesus veio, que veio o bom pastor que vai em busca da ovelha perdida, que pode ser o leitor, que posso ser eu. O leitor repouse nesta extraordinária realidade.

Qua, 21 – SEMANA I DA QUARESMA

Jon 3, 1-10 / Slm 50 (51), 3-4.12-13.18-19 / Lc 11, 29-32

Quando Deus viu as suas obras, (...) desistiu do castigo. (1ª Leit.)

Os habitantes de Nínive, primeiro arrependeram-se, depois deixaram a violência, depois tiveram obras que moveram a Deus. Jesus veio revelar-nos que Deus já Se emociona quando nós pecamos: que vai atrás de nós, mesmo antes de fazermos alguma obra boa. E nesse encontro com Deus é que podemos escolher deixarmo-nos abraçar por Ele. Depois, deixemos o perdão dos nossos pecados ao Espírito Santo. O leitor reze ao Espírito Santo pelo perdão dos seus pecados.

Qui, 22 – CADEIRA DE S. PEDRO (Festa)

1 Pedro 5, 1-4 / Slm 22 (23), 1-6 / Mt 16, 13-19

Tudo o que ligares na terra será ligado nos Céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos Céus. (Evang.)

Nós temos esse poder. Deus respeita o que nós ligamos e desligamos. Deus respeita o nosso pecado e a nossa virtude. A nossa obstinação e a nossa abertura à graça. Temos a liberdade nas mãos. A liberdade é um fardo difícil de levar enquanto não ganhamos balanço. É um fardo difícil de levar no princípio de uma luta. Mas uma vez encarreirados, uma vez no caminho certo, somos levados pela inércia – por uma boa inércia – e já é mais fácil resistirmos às tentações. O leitor reze pela passagem da etapa inicial.

Sex, 23 – SEMANA I DA QUARESMA

Ez 18, 21-28 / Slm 129 (130), 1-8 / Mt 5, 20-26

Se o pecador se arrepender de todas as faltas que cometeu, (...) certamente viverá. (1ª Leit.)

O nosso progresso espiritual depende do nosso arrependimento. E, depois, o nosso progresso vai ajudar o nosso arrependimento subsequente. Nesta dinâmica, estaremos sempre mais perto

de Deus, mais adentrados na nossa alma e viveremos cada vez mais plenamente. A nossa alegria interior, a nossa paz, a nossa satisfação conosco mesmos serão cada vez maiores. Assim amaremos Deus, o outro e nós mesmos. O leitor peça a graça desta dinâmica.

Sáb, 24 - SEMANA I DA QUARESMA

Deut 26, 16-19 / Slm 118 (119), 1-2.4-5.7-8 / Mt 5, 43-48

Tu os cumprirás com todo o teu coração. (1ª Leit.)

Cumprir com todo o nosso coração, amar com todo o nosso ser, amar com aquela suavidade que vem de Deus dá-nos uma alegria inefável e duradoura. Assim ganharemos estabilidade espiritual e estabilidade emocional dentro da espiritual. Uma estabilidade emocional que não é necessariamente a psicológica. Esta situa-se ao nível espiritual. É para além da emocional. Ou, se o leitor quiser, é subjacente à espiritual. É a paz. O leitor peça essa graça.

Dom, 25 - Domingo II da Quaresma - Ano B

Gen 22, 1-2.9a.10-13.15-18 / Slm 115 (116), 10.15-19 / Rom 8, 31b-34 / Mc 9, 2-10

Porque será que se lê o relato da *Transfiguração* do Senhor no início da Quaresma? À primeira vista, parece tratar-se de uma passagem mais própria para o tempo Pascal. Recordemo-nos que o tempo da Quaresma é particularmente forte de *convite à conversão*, um tempo em que somos convidados a transformar em bem aquilo que anda *menos bem* na nossa vida. Daí os propósitos ou as renúncias que fazemos.

Os pregadores quaresmais cos-

tumavam insistir muito na importância da conversão, mas sublinhavam sobretudo a conversão externa. Por exemplo, se o álcool fosse um problema importante naquele lugar onde estavam a pregar, insistiriam sobretudo nos perigos do alcoolismo e na virtude da sobriedade e do autocontrolo; noutra parte, talvez, insistiriam no problema da fidelidade conjugal; noutra ainda, sobre a importância da eucaristia dominical, dos sacramentos e da oração. Ora, a vida

cristã precisa de ser coerente nas suas formas, isto é, o modo como pensamos e o modo como agimos devem ser consonantes. É claro que se a conversão for meramente externa, uma conversão só ao nível dos comportamentos, não durará muito tempo. Aquele que tem problemas com o álcool, até se pode esforçar, mas se não muda, se não se convence internamente que aquele não é o caminho, então rapidamente voltará ao mesmo vício.

A conversão verdadeiramente duradoura, aquela que se reflete fortemente nas nossas ações, é a conversão interior. Mas como fazer? Precisamos sobretudo de mudar o modo como vemos *o mundo, os outros, Deus e nós mesmos*. É preciso que o nosso olhar seja iluminado pela luz de Cristo. O único modo de vermos a realidade *do mundo, dos outros, de Deus e até de nós mesmos* é com a luz do amor. Temos uma maneira para nos reconciliarmos com Deus, com os outros e com nós mesmos: ver as coisas como Deus as vê.

A conversão é uma mudança de direção na vida, é uma mudança de mentalidade: deixar o modo de pensar e de agir do

mundo e aderir ao modo de pensar e de agir de Deus. Ele, na criação, considera que tudo é «muito bom» (Gn 1, 4ss). Sim, é verdade que no mundo há o pecado e todas as tragédias, mas Jesus deixa-nos a certeza da fé de que Deus nunca nos abandona. Está sempre presente. Pela fé, somos chamados a encontrar o bem, mesmo no nosso pecado, que pode ser ocasião de conversão quando nos arrependemos verdadeiramente.

Na Transfiguração, Jesus mostra-Se tal como é. Talvez seja mais correto dizer que na Transfiguração os discípulos puderam ver Jesus tal como Ele é. Isto é: Cristo não andou a disfarçar nem a esconder-Se até àquele momento, mas agora os apóstolos Pedro, Tiago e João puderam ver Cristo com a luz verdadeira e, por isso, viram-No tal como é.

O tempo da Quaresma é favorável a que procuremos ver o mundo com a luz correta, a luz do Amor. Só com o olhar do Amor podemos ver cada pessoa, cada acontecimento da vida, cada tragédia e cada alegria tal como são na realidade. Só através do olhar do Amor nos descobriremos como filhos muito

amados do Pai. É o Amor que nos revela a nossa identidade.

Às vezes, na vida, parece que nada corre bem, parece que tudo está mal e acontecem coisas dolorosas que nos escapam. Vale a pena pegarmos num caderno para apontar as coisas boas da nossa vida. Aqui está um bom propósito para esta Quaresma! Um caderno onde

escrevemos só as coisas boas da vida, coisas e pessoas pelas quais vale a pena viver. Descobrir o bem significa *transfigurar-mo-nos*. Com esta *transfiguração interna*, poderemos mudar verdadeiramente o mundo. Então, sim, a *transfiguração de Cristo* terá um significado real e sério para a nossa vida quotidiana.

Seg, 26 - SEMANA II DA QUARESMA

Dan 9, 4b-10 / Slm 78 (79), 8-9.11.13 / Lc 6, 36-38

Sobre nós (...) recai a vergonha. (1ª Leit.)

Há pessoas que não se confessam porque têm vergonha dos seus pecados. Hoje, vamos rezar por essas pessoas. Vamos rezar por todas as pessoas que têm vergonha de si perante Deus, que têm vergonha de si perante o confessor, que têm vergonha de si perante as pessoas que as amam. E vamos também rezar pelas pessoas inconscientes do seu pecado. (Que podemos ser nós.) Estas, para que tenham consciência do seu pecado. Rezemos.

Ter, 27 - SEMANA II DA QUARESMA

Is 1, 10.16-20 / Slm 49 (50), 8-9.16bc-17.21.23 / Mt 23, 1-12

Aprende a fazer o bem. (1ª Leit.)

Há estratégias para lidar com os filhos, há aconselhamento matrimonial, há psicólogos (leia-se «coach») para relações complicadas. Mas será que há ajudas para melhorar as boas relações que já temos? Onde é que se aprende a amar ainda melhor? Não devia ser a Igreja a grande especialista nestas questões? Mas não é. Tem de ser o leitor a aprender a amar ainda melhor. Reze e ponha mãos à obra.

Qua, 28 - SEMANA II DA QUARESMA

Jer 18, 18-20 / Slm 30 (31), 5-6.14-16 / Mt 20, 17-28

... para deles afastar a vossa ira. (1ª Leit.)

Jeremias pede por quem lhe fez mal. Hoje, o leitor vai tentar descobrir quem é aquela pessoa por quem sente aversão, embora não o queira admitir. Há pessoas de quem não gostamos porque nos fazem sentir inferiores. Mas, por isso mesmo, não admitimos que não gostamos delas. Hoje, o leitor pense se há alguém que lhe causa aversão porque o faz sentir inferior. Peça ajuda ao Espírito Santo. Demore bastante tempo com isso.

ESTIMADO ASSINANTE:



Antes de mais, agradecemos a preferência que tem manifestado pela revista **Mensagem**.

Aproveitamos para informar que o pagamento da assinatura referente a 2018 deve ser feito até 30 de abril. O valor é o mesmo do ano transato.

Pode fazer o pagamento por cheque, vale postal ou transferência bancária (para a conta indicada no verso da capa da revista). Agradecemos que nos comunique, pelo telefone 253 689 442, através do email revistas@snao.pt, ou por carta a realização da respetiva transferência bancária.

A Administração